

O Pontífice em dois lugares simbólicos: Santa Maria Maior e São Marcelo “al Corso”

Em peregrinação para invocar o fim da pandemia



Como em peregrinação, na tarde de domingo, 15 de março, o Papa Francisco foi a dois lugares simbólicos de Roma, a basílica de Santa Maria Maior e a igreja de São Marcelo “al Corso”, para invocar o fim da pandemia da Covid-19 que atingiu a Itália e o mundo: em ambos os casos implorou a cura para os muitos doentes, recordou as numerosas vítimas destes dias e pediu que as suas famílias e amigos encontrem consolo e conforto.

Saindo do Vaticano pouco depois das 16 horas, o Pontífice chegou pela primeira vez em privado à basílica papal liberiana: recebido pelo cardeal arcebispo Stanislav Rylko e pelos dominicanos que ali oficializam, chegou à capela onde se guarda e venera o ícone da Virgem, *Salus populi romani*. Depois de colocar um ramo de flores no altar, o bispo de Roma rezou em silêncio diante da imagem mariana. Em seguida, percorreu a pé um trecho da Via del Corso, indo à igreja de São Marcelo, onde se encontra o miraculoso Crucifixo que foi levado em procissão em 1522 pelas ruas da cidade, para implorar o fim da “Grande Peste”. Dentro do templo que foi destruído por um incêndio – no qual, porém, o miraculoso Crucifixo de madeira se salvou – o Papa colocou um ramo de flores, parando em oração, acompanhado pela comunidade da ordem dos Servos de Maria, a quem a reitoria está confiada. No final, por volta das 17h30, o Santo Padre voltou de carro para o Vaticano.

De manhã, Francisco guiou a recitação do Angelus na biblioteca particular do Palácio Apostólico, precedida pela celebração diária da Missa às 7 horas da manhã na capela da Casa Santa Marta.

Em relação às celebrações da Semana Santa, o diretor da Sala de Imprensa da Santa Sé, Matteo Bruni, respondendo às perguntas dos jornalistas, especificou que «todas elas estão confirmadas», acrescentando que «no momento atual estão a ser estudadas formas de implementação e participação que respeitem as medidas de segurança postas em prática para evitar a propagação do coronavírus. Estas modalidades serão comunicadas assim que forem definidas, de acordo com a evolução da situação epide-

miológica. Qualquer que seja a modalidade prevista, as celebrações da Semana Santa – concluiu Bruni – serão transmitidas ao vivo na rádio e na televisão, em mundovisão e em streaming no site Vatican News, e as imagens serão distribuídas pela mídia do Vaticano». Entretanto, até 12 de abril, as audiências gerais do Papa e as recitações do Angelus continuarão a estar disponíveis no site Vatican News e através dos habituais canais de difusão em mundovisão.

Aniversário de um Papa que nos guia

ANDREA TORNIELLI

O início do oitavo ano de pontificado do Papa Francisco celebra-se num momento dramático para a humanidade inteira, chamada a enfrentar a pandemia da Covid-19. O apelo, forte e para todos, a manter os olhos fixos no que é essencial impõe que este aniversário seja celebrado de uma forma diferente em relação aos anos anteriores. Nestes dias difíceis, enquanto cada um de nós se confronta dramaticamente com a precariedade da existência, o Papa Francisco escolheu acompanhar-nos com a oração, com a entrega a Maria e com a celebração diária da Eucaristia na Missa na Casa Santa Marta, extraordinariamente transmitida ao vivo todas as manhãs e difundida no mundo inteiro em streaming.

No fundo, precisamente estas Missas, as celebrações diárias do Papa “pároco”, que prega a pequenos grupos de fiéis, dizendo-lhes o que

despertou nele a meditação da Palavra de Deus proclamada naquele dia, representam uma das novidades mais significativas do pontificado. Um acompanhamento diário, que se tornou um encontro consolador para muitas pessoas que nestes sete anos procuraram e leram a síntese da homilia de Santa Marta, oferecida pelos meios de comunicação social do Vaticano. Agora este acompanhamento simples e concreto do Papa que celebra a Missa na capela da sua residência, oferecendo o sacrifício eucarístico por aqueles que sofrem, pelos doentes, pelos seus familiares, pelos médicos, enfermeiros, voluntários, idosos solitários, prisioneiros e autoridades, tornou-se ainda mais evidente e consolador.

Na Quarta-Feira de Cinzas, quando a emergência do coronavírus ainda não era sentida de modo tão evidente, o Sucessor de Pedro disse: «Começamos a Quaresma recebendo as cinzas: “Lembra-te que és pó da terra e à terra hás de voltar”. O

pó sobre a cabeça faz-nos ter os pés assentes na terra: recorda-nos que viemos da terra e à terra voltaremos; isto é, somos débeis, frágeis, mortais. No longo decorrer dos séculos e milénios, passamos num ai; comparados com a imensidão das galáxias e do espaço, somos minúsculos; somos pó no universo. Mas somos o pó amado por Deus. Amorosamente o Senhor recolheu nas suas mãos o nosso pó e, nele, insufflou o seu sopro de vida. Por isso, somos um pó precioso, destinado a viver para sempre. Somos a terra sobre a qual Deus estendeu o seu céu, o pó que contém os seus sonhos. Somos a esperança de Deus, o seu tesouro, a sua glória». O Papa concluiu a sua homilia com as seguintes palavras: «Deixemo-nos reconciliar, para viver como filhos amados, pecadores perdoados, doentes curados, viandantes acompanhados. Para amar, deixemo-nos amar; deixemo-

Praça de São Pedro vazia
(Reuters)



São «dias de grande preocupação e crescente inquietação», dias em que «a fragilidade humana e a vulnerabilidade da presumível segurança na tecnologia são minadas mundialmente pelo coronavírus, diante do qual recuam todas as atividades mais significativas – a economia, o empresariado, o trabalho, as viagens, o turismo, o desporto e até o culto – e o seu contágio limita também consideravelmente a liberdade de movimento». Por isso, o Dicastério para o serviço do desenvolvimento humano integral une-se à voz do Papa Francisco, renovando a proximidade da Igreja a quantos sofrem por causa do contágio, às vítimas e às suas famílias, assim como a todos os agentes de saúde na primeira linha. É fá-lo através de uma mensagem – divulgada a 9 de março – do cardeal prefeito Peter Kodwo Appiah Turkson.

Dirigindo-se aos presidentes das Conferências episcopais, aos bispos responsáveis pela pastoral da saúde, aos agentes sociais e pastorais, às autoridades civis, aos doentes e às suas famílias, aos voluntários e a todas as pessoas de boa vontade, o purpurado exorta a pensar antes de tudo «nos países mais atingidos pelo contágio» e a recordar com a oração «quantos trabalham a fim de evitar o risco para a saúde pública e o medo crescente que esta difundida epidemia continua a gerar». Portanto, encoraja «as estruturas e organizações de saúde laicas e católicas, nacionais e internacionais, a continuar a oferecer sinergicamente a assistência necessária às pessoas e às populações, bem como a implementar todos os esforços indispensáveis para encontrar uma solução, segundo as indicações da Organização mundial da saúde (Oms) e das autoridades políticas nacionais e locais».

Depois de recordar que tanto o Papa Francisco como vários chefes de Estado «manifestaram solidariedade para com os países mais atingidos, oferecendo produtos médicos e de saúde e ajudas financeiras», o prefeito do Dicastério no qual convergiu, entre outros, o pontifício Conselho para a pastoral no campo da saúde, expressa a esperança de que «todos possam prosseguir este trabalho de apoio, pois diante de uma emergência como esta muitas nações, especialmente aquelas com sistemas de saúde precários, ver-se-ão sobrecarregadas pelos efeitos do vírus, e talvez não sejam capazes de atender às exigências de cuidados médicos e de proximidade». Eis portanto, é a expectativa de Turkson, que «este momento de grande necessidade poderá ser uma ocasião favorável para reforçar a solidariedade e a proximidade entre os Estados, a amizade entre as pessoas» e para

Numa mensagem do Dicastério para o serviço do desenvolvimento humano integral

A epidemia não conhece fronteiras

«promover a solidariedade internacional na partilha de instrumentos e recursos».

Também porque, frisa o autor da mensagem, a incidência da Covid-19 «destaca mais claramente as graves desigualdades que caracterizam os nossos sistemas socioeconómicos» – ou seja, aquelas relativas aos recursos e à fruição dos serviços de saúde, assim como de pessoas qualificadas e da pesquisa científica – perante as quais «a família humana é chamada a sentir e a viver verdadeiramente como uma família interligada e interdependente». Isto foi provado pela própria evolução da pandemia, que «inicialmente atingiu apenas um país mas depois alastrou-se a todas as partes do globo».

Por isso, é necessário insistir sobre os valores centrais da fraternidade – «de que estamos indissolúvelmente ligados uns aos outros» – e da solidariedade, que «ajuda a ver o «outro» (pessoa, povo ou nação) como

um nosso «semelhante»». E dado que «o valor da solidariedade também tem necessidade de ser encarnado», o purpurado convida a pensar concretamente no «vizinho de casa, no colega de escritório, no amigo de escola, mas sobretudo nos médicos e enfermeiros que correm o risco de contaminação e infeção para salvar os contagiados». Estes agentes vivem e indicam o sentido do mistério da Páscoa: doação e serviço». Com efeito, naqueles que são atingidos pelo coronavírus, é possível identificar «hoje a expressão de Cristo que sofre e, da mesma forma, do desafortunado da parábola do bom Samaritano», que precisa de «gestos concretos de proximidade da parte da humanidade». Aliás, «as pessoas que sofrem devido ao contágio constituem um «laboratório» no qual se experimentam novas «formas de misericórdia» e cuidados para impedir «a poliedricidade do sofrimento».

O prefeito do Dicastério conclui observando que «no início deste itinerário quaresmal, carente para muitos de alguns sinais litúrgicos comunitários, como a celebração da Eucaristia», os cristãos são «chamados a percorrer um caminho ainda mais enraizado naquilo que sustenta a vida espiritual: a oração, o jejum e a caridade». E assim, «o esforço enviado para conter a propagação» do contágio deve ser «acompanhado pelo compromisso de cada fiel individual em prol do maior bem: a reconquista da vida, a derrota do medo, o triunfo da esperança».

Em particular, recomenda que «as comunidades mais provadas não vivam tudo como uma privação. Se não nos podemos reunir nas nossas assembleias para viver juntos a nossa fé, como costumamos fazer, Deus oferece-nos a ocasião de nos enriquecermos, de descobrirmos novos paradigmas e de voltarmos a encontrar a relação pessoal com Ele», assegura o cardeal, observando que «a oração é a nossa força, o nosso recurso. Então, oremos para que Deus Pai aumente a nossa fé, ajude os doentes a sarar e apoie os profissionais da saúde na sua missão. Esforcemo-nos para evitar a estigmatização das pessoas atingidas: a doença não conhece confins, nem cor de pele, mas fala a mesma língua. Desta forma conseguiremos servir quantos sofrem, acompanhando-os da melhor maneira possível, e ser solidários com os necessitados sem os julgar».

No final, o cardeal Turkson dirigiu um apelo às autoridades políticas e económicas a «não negligenciar a justiça social nem o apoio à economia e à pesquisa agora que, infelizmente, o vírus cria uma nova «crise económica». Nós – concluiu – continuaremos a apoiar de todas as formas os esforços dos profissionais da saúde e das estruturas médicas nas várias partes do mundo, especialmente nas mais remotas e difíceis, confiando também na solidariedade diligente de todos».

Visita «ad limina» de um grupo de bispos franceses



Na segunda-feira, 9 de março, o Papa Francisco recebeu em audiência um grupo de preladados da Conferência episcopal da França em visita «ad limina»

L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL EM PORTUGUÊS
Unicuique suum Non praevalebunt

Cidade do Vaticano
redazione.portoghese.or@spc.va
www.osservatoreromano.va

ANDREA MONDA
diretor

Giuseppe Fiorentino
vice-diretor

Redação
via del Pellegrino, 00120 Cidade do Vaticano
telefone +390669899420
fax +390669883975

TIPOGRAFIA VATICANA EDITRICE
L'OSSERVATORE ROMANO

Serviço fotográfico
telefone +390669884797
fax +390669884998
photo@ossrom.va

Assinaturas: Itália - Vaticano: € 58,00; Europa: € 100,00 - U.S. \$ 148,00; América Latina, África, Ásia: € 110,00 - U.S. \$ 160,00; América do Norte, Oceânia: € 162,00 - U.S. \$ 240,00.

Administração: telefone +390669899480; fax +390669885164; e-mail: assinaturas.or@spc.va

Para o Brasil: Impressão, Distribuição e Administração: Editora santuário, televidas: 0800-160004, fax: 00521231042036, e-mail: sac@editorasantuário.com.br

Publicidade Il Sole 24 Ore S.p.A., System Comunicazione Pubblicitaria, Via Monte Rosa, 91, 20149 Milano, segreteria@redirezionemilano.com

CATEQUESE

A urgência da verdadeira justiça

À escuta do brado dos pobres

A audiência geral de quarta-feira, 11 de março, teve um andamento especial, condicionada pelas medidas adotadas para conter o risco de difusão da Covid-19. O Papa proferiu a catequese ao vivo – dedicada à quarta bem-aventurança: «Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados» (Mt 5, 6) – da Biblioteca do Palácio apostólico. Sem contactos directos com os peregrinos que contudo puderam ouvir as palavras do Papa, sentir a sua proximidade através das ligações radiotelevisivas e dos social media. Como em cada encontro da quarta-feira, as palavras e as saudações do Pontífice foram lidas pelos leitores em português, francês, inglês, alemão, espanhol, árabe, polaco e italiano. Eis as palavras do Papa.

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

Na audiência de hoje continuamos a meditar sobre o caminho luminoso da felicidade que o Senhor nos concedeu com as bem-aventuranças, e chegamos à quarta: «Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados» (Mt 5, 6).

Já encontramos a pobreza de espírito e o choro; agora somos confrontados com outro tipo de fraqueza, aquela ligada à fome e à sede. *Fome e sede* são necessidades básicas, referem-se à sobrevivência. Isto deve ser enfatizado: aqui não se trata de um desejo genérico, mas de uma exigência vital e diária, como a alimentação.

Aniversário de um Papa que nos guia

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 1

nos erguer, para caminhar rumo à meta, à Páscoa. Teremos a alegria de descobrir que Deus nos ressuscita das nossas cinzas».

Precisamente para dar testemunho deste olhar de esperança e deste abraço dirigido a todos, o Papa que nos guia acompanhando-nos, na terça-feira 10 de março, no início da Missa em Santa Marta, quis rezar especialmente pelos sacerdotes, para que neste momento tenham a força de acompanhar, confortar e estar perto daqueles que sofrem. E, tomando todas as precauções possíveis, eles devem ter «a coragem de sair e ir visitar os doentes, levando a força da Palavra de Deus e a Eucaristia, acompanhando os agentes de saúde e os voluntários» no serviço extraordinário que estão a realizar.

Mas o que significa ter fome e sede de justiça? Certamente não estamos a falar daqueles que querem vingança, pelo contrário, na bem-aventurança precedente falamos de mansidão. Certamente as injustiças ferem a humanidade; a sociedade humana tem uma necessidade urgente de equidade, verdade e justiça social; recordemos que o mal sofrido pelas mulheres e pelos homens do mundo chega ao coração de Deus Pai. Que pai não sofreria pela dor dos seus filhos?

As Escrituras falam da dor dos pobres e oprimidos que Deus conhece e compartilha. Por ter ouvido o grito de opressão levantado pelos filhos de Israel – como narra o Livro do Êxodo (cf. 3, 7-10) – Deus desceu para libertar o seu povo. Mas a fome e a sede de justiça de que o Senhor nos fala é ainda mais profunda do que a legítima necessidade de justiça humana que cada homem carrega no seu coração.

No mesmo “Sermão da Montanha”, um pouco mais adiante, Jesus fala de uma justiça maior do que o direito humano ou a perfeição pessoal, dizendo: «Se a vossa virtude não superar a dos escribas e fariseus, não entrareis no reino dos Céus» (Mt 5, 20). E esta é a justiça que vem de Deus (cf. 1 Cor 1, 30).

Nas Escrituras encontramos uma sede expressa mais profundamente do que a sede física, que é um desejo colocado na raiz do nosso ser. Um salmo diz: «Vós, Senhor, sois o meu Deus, ansio por Vós. A minha alma está sedenta de Vós, o meu corpo anela por Vós, numa terra árida, exausta, sem água» (Sl 63, 2). Os Padres da Igreja falam desta inquietação que habita no coração do homem. Santo Agostinho diz: «Tu nos fizeste para ti, Senhor, e o nosso coração não encontrará a paz enquanto não repousar em ti» (Confissões, 1, 1,5). Há uma sede in-



terior, uma fome interior, uma inquietação...

Em cada coração, até na pessoa mais corrupta e afastada do bem, está escondido um ansio de luz, mesmo que esteja sob escombros de engano e erro, mas há sempre uma sede de verdade e bondade, que é a sede de Deus. É o Espírito Santo que desperta esta sede: Ele é a água viva que moldou o nosso pó, Ele é o sopro criativo que lhe deu vida.

Por esta razão, a Igreja é enviada a proclamar a todos a Palavra de Deus, imbuída de Espírito Santo. Pois o Evangelho de Jesus Cristo é a maior justiça que pode ser oferecida ao coração da humanidade, que tem uma necessidade vital dele, mesmo sem se aperceber (cf. *Catecismo da Igreja Católica*, 2017: «A graça do Espírito Santo confere-nos a justiça de Deus. Unindo-nos, pela fé e pelo Baptismo, à paixão e ressurreição de Cristo, o Espírito Santo faz-nos participar da sua vida»).

Por exemplo, quando um homem e uma mulher se casam têm a intenção de fazer algo grande e belo, e se mantiverem viva essa sede encontrarão sempre o caminho a seguir, no meio dos problemas, com a ajuda da Graça. Até os jovens têm esta fome, e não devem perdê-la! É necessário proteger e alimentar no coração das crianças este desejo de amor, de ternura, de acolhimento que expressam nos seus impulsos sinceros e luminosos.

Cada pessoa é chamada a redescobrir o que realmente importa, o que realmente precisa, o que a faz viver bem e, ao mesmo tempo, o que é secundário, e aquilo a que pode tranquilamente renunciar.

Jesus proclama nesta bem-aventurança – fome e sede de justiça – que há uma sede que não será desiludida; uma sede que, se for satisfeita, será saciada e será sempre bem sucedida, porque corresponde

ao próprio coração de Deus, ao seu Espírito Santo que é amor, e também à semente que o Espírito Santo semeou nos nossos corações. Que o Senhor nos conceda esta graça: ter esta sede de justiça que é precisamente o desejo de o encontrar, de ver Deus e de fazer o bem aos outros.

No final da catequese, o Santo Padre dirigiu uma prece especial «por quantos estão a viver na primeira linha a epidemia do coronavírus, sem esquecer a tragédia dos refugiados sírios na fronteira com a Grécia e com a Turquia» e dirigiu aos fiéis de língua portuguesa as seguintes expressões.

Saúdo a todos os fiéis de língua portuguesa, fazendo votos de que aprendais a saciar a nossa sede de Deus com os sacramentos, a oração e as obras de misericórdia. Sobre vós e sobre as vossas comunidades, desça a bênção do Senhor!

Neste momento, gostaria de me dirigir a todos aqueles que foram atingidos pelo vírus e que sofrem pela doença, e aos muitos que vivem a incerteza acerca das próprias doenças. O meu sincero agradecimento a quantos trabalham nos hospitais, aos médicos, enfermeiros e enfermeiras, aos voluntários que estão ao lado das pessoas que sofrem neste momento tão difícil. Agradeço a todos os cristãos, a todos os homens e mulheres de boa vontade que rezam por este momento, todos unidos, qualquer que seja a confissão religiosa a que pertencem. Muito obrigado por este esforço. Mas espero que esta dor, esta epidemia tão forte, não nos faça esquecer os pobres sírios, que sofrem na fronteira greco-turca: um povo que sofre há anos. Eles são obrigados a fugir da guerra, da fome, de doenças. Não esqueçamos os irmãos e irmãs, tantas crianças, que ali estão a sofrer.

NARRAÇÃO — PALAVRA DO ANO

Em conversa com o arquiteto Renzo Piano

Não se trata apenas de construir mas de acrescentar poesia

ANDREA MONDA

A Mensagem do Papa Francisco para o dia mundial das comunicações sociais centra-se no tema da narração, na necessidade do homem de «ser narrador», de contar histórias, porque é a narração de boas histórias que lhe permite respirar mais livremente num mundo sufocado pelas intrigas e pelas *fake news*. Falamos sobre a provocação inerente nesta mensagem a uma série de artistas que se dedicam com o seu trabalho criativo a tornar o mundo mais bonito e humano e muitos reagiram refletindo “em diálogo” com o texto do Papa. Começamos esta série com as palavras que Renzo Piano nos concedeu.

Causou algum efeito em si esta mensagem do Papa toda centrada na narração?

Sim, porque narrar é algo, estou convicto, que faz parte da nossa

mais fazem do que investigar o mistério do universo nas dimensões do infinitamente grande e do infinitamente pequeno. Mas os percursos são tantos e diferentes, disto nasce a história, que está ligada à linguagem que faz com que um poeta expresse o que tem a dizer com poesia, o escritor escrevendo, e o arquiteto construindo. Construir abrigos para os homens, eis o que fazem os arquitetos, respondendo ao instinto humano de construir. Procurar, conhecer, construir, com estes instintos está ligado o da narração que é um pouco transversal a todos os outros que precisam de uma história. A narração é o instrumento com o qual todos os outros podem encontrar uma resposta. Sem narração não haveria ciência, não haveria intercâmbio. Trata-se de um tema fascinante.

Oscar Wilde dizia que o escultor pensa em mármore. O senhor fá-lo através da “construção de abrigos”. Como aconteceu, que, num dado momento da vida, seguiu o instinto da construção?

Sou um filho da guerra, sou “filho de um temporal”, como dizia o meu amigo De André. Quando eu era criança, por volta dos seis ou sete anos, acompanhava o meu pai pelos locais de construção. Ele era um pequeno empresário com uma pequena empresa com dez ou quinze operários e eu ia de bom grado, levava-me com ele muitas vezes e eu observava a vida do canteiro de obras que, com aquela idade, me parecia uma coisa mágica, porque se vemos coisas inanimadas, pilhas de tijolos, montes de areia e então acontece algo milagroso e tudo se transforma. Aos olhos de

comunidade e foi isso que me aconteceu mais ou menos, que praticamente sempre construí bibliotecas, museus, salas de concertos ou universidades. Isto acrescenta uma dimensão social e, portanto, ética ao trabalho de um arquiteto: constróis algo para mudar o mundo, para que as pessoas possam encontrar-se e encontrando-se, conversar, conhecer-se, conhecer... é sempre assim. É por isso que digo que há algo mais, não só a dimensão ética, mas também a poética. Deve haver o *kalós*, aquele aspeto gratuito e inútil que é a beleza sem a qual nada tem sentido. Uma biblioteca serve para conservar livros, mas não pode ser feita, não pode ser sem esta magia de luz, de beleza. Como arquiteto és também um narrador, constróis lugares que permitem a narração; não és um músico, mas um luthier, constróis um lugar onde a música pode mover-se, desenvolver-se. Os lugares que um arquiteto constrói são de uma dimensão humanista muito forte: uma biblioteca, lugar por onde passa o saber, uma escola ou um hospital, não são edifícios a serem construídos apenas com técnica, são lugares humanos, há algo mais.

Voltemos às habitações simples, às casas. Cada casa, de facto, revela uma história, quase como uma “pele” dos que lá vivem. Nós humanos temos pele, depois temos roupas que já revelam algo sobre nós, sobre o que pensamos e depois há a terceira pele que é a casa em que vivemos. Mesmo em casas particulares há sempre uma história, uma identidade, um conto...

Sim, é por isso que eu gosto da mensagem do Papa. Pois a arquitetura responde sem dúvida às necessidades práticas de uma pessoa, de uma família, de uma comunidade, mas não tem apenas uma função prática, ela está sempre ligada também às aspirações, desejos e sonhos das pessoas, dos povos. Pensamos na dimensão popular: há sempre a necessidade de espaços onde se sentir unidos, onde se possa compartilhar valores. Para os indivíduos, até a casa mais modesta, uma cabana, tem a função de cobrir, proteger, mas tem em si os vestígios de uma história, de uma narração. Ou seja, de alguma forma conta a história daquela família, daquela pessoa, das suas ambições. Mesmo na casa mais modesta, há sempre isto. E é isto que a casa se torna interessante. A arqui-



O Beaubourg em Paris

os riscos da comunicação...

Sem dúvida, há um aspeto negativo, penso na informação, nas notícias. Sim, há também um uso doentio das notícias, um uso instrumental, e esta é a tragédia das *fake news*. O uso que se faz das palavras, da narração para seduzir ou convencer, chegando ao ponto de criar uma falsa narração.

Pode haver uma arquitetura decente?

Poderia haver. É o caso de uma arquitetura agressiva, que não acolhe, que não dá espaço, que se impõe de alguma forma, é a arquitetura que quer persuadir, manipular, uma arquitetura que se transforma em retórica. Lembro-me do que Norberto Bobbio me dizia sobre o facto de haver muitas pessoas que passam a vida a persuadir os outros das suas ideias, em vez de se dedicar a ter as ideias certas. E estes são os narradores doentes, não maus (há também os maus que contam uma narrativa deliberadamente falsa para extorquir ou seduzir) porque esta forma de doença da qual Bobbio fala é inocente, mesmo se é muito difundida, uma doença relacionada com o narcisismo.

Mais uma vez, o Papa, falando recentemente sobre o tema da educação, disse que o sinal de um bom sistema educacional é se ele for capaz de criar poetas, o que pensa?

Muito interessante. Era isso que estávamos a dizer antes. Se não fores capaz, como cineasta, como escritor, como cientista, se não fores capaz de traduzir tudo em poesia e, portanto, de comover quem te ouve, a mensagem não consegue chegar, ela escapa, é interessante, mas não atinge o coração. Não penetra profundamente, não faz nascer aquela vibração interior. A dimensão da poesia é fundamental. Isto faz-me lembrar outra coisa: todos os grandes cientistas que conheço são pessoas que se esforçam até ao limite e depois param sempre diante de um mistério. E sendo pessoas, homens e mulheres inteligentes, eles ficam suspensos. Há sempre um momento em que isto acontece. Neste sentido, somos todos iguais. Depois há quem o nega, quem não o nega, quem o aceita no último momento. Mas nós, seres humanos, estamos todos irmanados por esta consciência de um mistério que nos sobrepõe, nos supera. Também isto tem a ver com a poesia.

Mas há também um lado negativo na narração, o Papa inclusive fala disso na sua mensagem quando reflete sobre

tura totalmente humana, é aquela que está ao serviço de uma narração.

O Papa menciona uma narração humana que nos fala de nós e da beleza que vive dentro de nós...

Exatamente, é disto que estou a falar. Um arquiteto é um construtor, claro, mas ao mesmo tempo é uma pessoa que pertence humanisticamente ao mundo, que tem a própria ética, que realiza uma atividade pela qual precisa de falar com as pessoas, de as conhecer, de as compreender. No final também ele tem em si uma história e uma mensagem, assim como um poeta, um escritor... e todas estas mensagens, para serem significativas, devem ser poéticas, poéticas no sentido mais profundo da palavra, ou seja, devem ter os caracteres da beleza. Claro que por beleza aqui quero-me dizer a certa, aquela da qual o Papa fala, ligada também ao sentido de certo e bom, pensemos nos *Kalós kai agathós* dos gregos e notemos que em toda a bacia do Mediterrâneo a palavra belo está associada ao bom: no sul da Itália também se diz “belo” de um prato de massa. Também em África é assim, não há palavra alguma que indique apenas uma coisa bonita, uma coisa bonita também é boa. Nesta lógica, a beleza é necessária. Se não houver esta beleza ao escrever no seu jornal, no que procuro fazer no meu espaço, no que diz o poeta, se não houver esta beleza não se transmite a mensagem da narração.

Religiosa, professora de rua, uma das escritoras mais premiadas no Brasil

Não escrevo para converter mas para testemunhar

Atormentada, às vezes um pouco severa, como a irmã Luke de *The Nun's Story* (“História de uma freira”), interpretada por uma magistral Audrey Hepburn. Ou então ingénua, quase simplória e ignorante das “coisas do mundo”. Em síntese, uma mistura entre a irmã Angela, aliás Deborah Kerr de *Heaven Knows, Mr. Allison* (“O céu é testemunha”) e a madre superiora de *The Trouble with Angels* (“O problema com os anjos”). Anos e anos de filmes ambientados em mosteiros com corredores escuros — povoados de intrigas, disputas e mulheres ingénuas — confeccionam uma camisa de força desconfortável para quantas escolhem a vida religiosa. Muitas vezes com as melhores intenções!

O “hábito da freirinha”, chama-lhe Maria Valéria Rezende, há 54 anos membro da congregação de Nossa Senhora — cónegas de Santo Agostinho, assim como educadora popular e escritora galardoadas com múltiplos reconhecimentos, uma das mais conhecidas do Brasil. «Quem confecciona o hábito de freira convencional sob medida — feito de algodão, túnica e segredos — fornal, inicialmente, os exercícios das meninas sob as religiosas dos colégios onde elas estudavam. O cinema — e também um pou-

prémio Jabuti, e *Outras cantos*, que obteve o prestigioso reconhecimento Casa de las Américas. «Tive o privilégio de nascer numa família cheia de letrados. Portanto, para mim é algo natural escrever. Sempre o fiz, por prazer pessoal ou como serviço em prol da educação popular, ao qual dediquei a vida». Contudo, como professora de rua, a religiosa viveu em lugares remotos, fora dos círculos literários. Muitas vezes não havia nem sequer uma livraria onde comprar os textos e Valéria era obrigada a criar as próprias leituras. Assim, a religiosa só se tornou escritora profissional depois de 60 anos. «Quase por acaso, precisamente no momento em que a velhice começava a tornar mais difícil o “trabalho no campo”. Assim descobri uma nova forma de “mistério”, compatível com os achaques de uma idade que avança, enquanto a saúde diminui». Um compromisso ao qual Valéria dá continuidade com o mesmo carisma de sempre. «O da minha congregação: ser fermento na massa, no respeito pela fé de cada um, esforçando-me por encarnar os valores evangélicos nos relacionamentos humanos de todos os dias. Não escrevo para converter nem para os convertidos: unicamente para dar testemunho do que vi e vejo. Durante



co de literatura — com a sua paixão pelos escândalos eclesiais, completou-o. Felizmente, esse imaginário tem muito pouco a ver com as religiosas em carne e osso», explica a freira, nascida há 77 anos em Santos, o principal porto do Gigante do Sul. Cidade que ela deixou com 18 anos para emprender a experiência missionária que levou Valéria a ensinar nos recantos mais impensáveis dos cinco Continentes. De Angola a Timor Leste e a Cuba, onde viveu a alguns quarteirões do prémio Nobel Gabriel García Márquez com quem ela costumava tomar café. «O século XX ofereceu possibilidades impensáveis às mulheres. Portanto, presume-se que quantos escolhem a vida religiosa, o façam porque são incapazes de aproveitar a situação, por falta de inteligência ou de coragem ou de vontade de se pôr em jogo. Ao contrário, estas qualidades são indispensáveis para emprender a vida missionária. Além disso, nos séculos passados as religiosas eram as mulheres mais cultas; liam, escreviam, sabiam latim. A América Latina tem uma longa história de religiosas-letradas, incluindo a melhor poetisa do barroco hispano-americano: a mexicana Juana Inés de la Cruz».

Desta tradição faz plenamente parte Valéria Rezende, autora de *Carta d'rainha louca, Quarenta dias*, vencedora do

décadas vivi imersa na vida das pessoas “invisíveis”: as mais pobres e excluídas, as diferentes, as marginalizadas. Agora, nos meus romances, descrevo-as sem “pregações” nem juízos, de modo que eles sejam “visíveis”, até para quantos não querem ou não sabem ver».

Para a irmã Rezende, a relação com o mundo é essencial. «Ser religiosa implica um compromisso radical com o Evangelho na sua forma mais pura, ou seja, o serviço ao “mais pequenino dos meus irmãos”, como dizia Jesus. O nosso lugar é dentro das sacristias, como assistentes do clero. Por este motivo, é fundamental conhecer a realidade, em todos os seus aspetos».

Neste sentido, a literatura laica pode ser um bom aliado na formação das religiosas. «Os conhecimentos bíblicos e teológicos são essenciais, mas não são suficientes. Os romances, as narrações e a poesia ajuda a compreender melhor os seres humanos. Graças a Deus, os meus professores tinham entendido isto e sempre me estimularam a ler». No fundo, conclui a irmã Valéria, escritoras e religiosas assemelham-se. «Para ambas, o pior defeito é a vaidade. Enquanto que a melhor qualidade — diria a indispensável — é ser capaz de sentir empatia e misericórdia em relação ao próximo».



(Renzo Piano, foto de Stefano Goldberg)

humanidade, assim como procurar, explorar, tentar saber. Não há nada a fazer: nascemos com esta esperança de conhecimento e é isto que nos torna a todos potenciais cientistas. Há quem emprende o caminho da arte, da filosofia, da ciência, mas todos nós procuramos compreender o mistério. Conheço muitos cientistas, como os astrofísicos que trabalham no CERN em Genebra, que na verdade nada

isto é milagroso, dita de uma forma ingénua, mas depois, à medida que crescemos, apercebemo-nos de que construir é sempre pura magia. Cresces, vais à escola, estudas para seres arquiteto e logo percebes que não se trata apenas de construir, acrescenta-se sempre um pouco de magia. Construir casas já é muito bonito, mas ainda mais bonito é construir lugares onde as pessoas se encontram, edifícios para a co-

CELEBRAÇÕES DA MISSA EM SANTA MARTA

Os sacerdotes entre os doentes com a Palavra de Deus e a Eucaristia

«Continuemos a rezar juntos pelos doentes, pelos agentes de saúde, por tantas pessoas que sofrem com esta epidemia. Rezemos ao Senhor também pelos nossos sacerdotes, para que tenham a coragem de sair para visitar os doentes, levando a força da Palavra de Deus e a Eucaristia, e acompanhar os agentes de saúde, os voluntários, neste trabalho que estão a fazer». Há o estilo e o testemunho do cristão “no tempo do coronavírus”, nas palavras com que o Papa Francisco, na manhã de terça-feira, 10 de março, iniciou a Missa na capela da Casa Santa Marta.

A celebração foi transmitida ao vivo, como já tinha acontecido na manhã anterior, para permitir ao povo de Deus uma unidade particular com o Bispo de Roma neste momento de provação.

Para a sua meditação, o Pontífice começou com o trecho do livro do profeta Daniel (9, 4-10) proposto na segunda-feira pela liturgia. Desta forma, ele frisou que «a Palavra de Deus nos ensinou a reconhecer os nossos pecados e a confessá-los, não só com a mente, mas também com o coração, com um espírito de vergonha». Vergonha, então, vista «como uma atitude mais nobre diante de Deus pelos nossos pecados».

Nesta perspectiva, disse o Papa, «hoje o Senhor chama todos nós pecadores a dialogar com Ele, porque o pecado nos fecha em nós mesmos, nos faz esconder ou ocultar a nossa verdade interior». Foi precisamente «o que aconteceu com Adão, com Eva: depois do pecado eles esconderam-se, porque tinham vergonha, estavam nus». Afinal, explicou Francisco, «o pecador, quando sente vergonha, é tentado a esconder-se».

Referindo-se ao trecho tirado do livro do profeta Isaías (1, 10.16-20), o Papa frisou o facto de que «o Senhor chama: “Vinde, vinde, vamos discutir” – diz o Senhor». Ele chama e diz: «falemos do teu pecado, falemos da tua situação: não tenhais medo, não...». Na verdade, o texto do profeta Isaías prossegue: «Mesmo que os vossos pecados fossem como escarlate, tornar-se-iam brancos como a neve. Mesmo que fossem vermelhos como a púrpura, ficariam brancos como a lã». Em síntese, «o Senhor diz-nos: vinde, pois sou capaz de mudar tudo, não tenhais medo de vir e falar, sede corajosos mesmo com as vossas misérias».

«Vem à mente – confidenciou Francisco, recordando o testemunho de São Jerónimo – aquele santo que era tão penitente, rezava tanto». Ele procurou dar sempre ao Senhor tudo o que o Senhor lhe pediu. Mas o Senhor não estava feliz. E um dia ele estava um pouco zangado com o Senhor, porque aquele santo tinha um mau feito. Então diz ao Senhor: «Mas, Senhor, eu não te entendo. Dou-te tudo, tudo, e estás sempre insatisfeito, como se algo estivesse a faltar. O que falta?» E eis a resposta do Senhor: «Dá-me os teus pecados: é isso que falta».

«Ter a coragem de ir com as nossas misérias falar com o Senhor»: esta é a sugestão do Papa. Na certeza de que Ele nos diz: «Vamos lá! Vamos discutir! Não tenhais medo», porque «mesmo que os vossos pecados fossem como escarlate, eles ficariam brancos como a neve. Se fossem vermelhas como a púrpura, tornar-se-iam brancos como lã».

«Este é o convite do Senhor», insistiu o Pontífice. Contudo, advertiu os cristãos porque «há sempre um engano: em vez de ir falar com o Senhor, fingir que não se é pecador». E isso é exatamente «o que o Senhor reprova aos doutores da lei», no trecho do Evangelho de Mateus (23, 1-12) proposto pela liturgia. Há pessoas que «fazem as obras “para serem admiradas pelo povo: alargam as filatérias e alongam as borlas dos seus mantos. Gostam de ocupar o primeiro lugar nos banquetes, e os primeiros assentos nas sinagogas. Gostam das saudações nas praças públicas e de serem chamados ‘rabbi’ pelos homens»».

É «a aparência, a vaidade»: é «cobrir a verdade do nosso coração com a vaidade», salientou Francisco. Mas «a vaidade nunca cura!». Pelo contrário, aumenta: a vaidade «também é venenosa, vai em frente levando a doença ao coração, causando aquela dureza de coração que te diz: “Não, não vás para o Senhor, não vás. Permanece como és”».

A vaidade é precisamente «o lugar», a atitude «de se fechar à chamada do Senhor», explicou o Papa. «Ao contrário – frisou – o convite do Senhor é o de um pai, de um irmão: “Vinde! Falemos, falemos. No final, sou capaz de mudar a tua vida de vermelho para branco”».

Por e com os doentes os encarcerados e os perseguidos

«Continuemos a rezar pelos doentes desta epidemia. E hoje, de uma forma especial, gostaria de rezar pelos prisioneiros, pelos nossos irmãos e irmãs fechados na prisão. Eles sofrem e nós devemos estar próximos deles com a oração, para que o Senhor os ajude, os conforte neste momento difícil». O Papa Francisco, através da celebração da Missa e da oração, testemunha todos os dias que está concretamente próximo como nunca de cada pessoa que vive este tempo particular de medo. E isto fica claro com as palavras de comunhão, especialmente com os doentes e prisioneiros, pronunciadas no início da Missa celebrada na manhã de quarta-feira, 11 de março, na capela da Casa Santa Marta.

Precisamente por esta razão, para fazer sentir a proximidade do bispo de Roma, a partir de segunda-feira 9 de março, ele

quis que a sua celebração da manhã fosse transmitida ao vivo. E hoje o seu abraço eucarístico – paterno e fraterno – foi não só para os doentes, as suas famílias e profissionais da saúde, mas também para aqueles que compõem a grande realidade das prisões. Um abraço que o Pontífice alargou também aos cristãos perseguidos, simbolizados por Asia Bibi, que Francisco recordou.

Para dar ainda mais força às suas palavras, no início da Missa, o Pontífice leu a antifona da entrada – «Não me abandoneis, Senhor, meu Deus, não vos afasteis de mim. Vinde depressa em meu auxílio, Senhor da minha salvação» – tirada do Salmo 38 (22-23).

Na homilia, Francisco refletiu sobre a primeira leitura, tirada do Livro do Profeta Jeremias (18, 18-20). Um trecho, salientou o Papa, que «é realmente uma profecia sobre a

Paixão do Senhor». O que dizem os inimigos? «Vinde, vamos impedir que fale; não ouçamos todas as suas palavras», em suma, «punhamo-lo em dificuldade». Os inimigos do profeta – insistiu Francisco – não dizem: «Vençamo-lo, eliminemo-lo». Ao contrário, procuram tornar a sua vida «difícil, atormentá-lo: é o sofrimento do profeta, mas há nisto uma profecia sobre Jesus».

E o próprio Jesus – no trecho do Evangelho de Mateus (20, 17-28) proposto pela liturgia – fala disto: «Vamos subir a Jerusalém e o Filho do Homem vai ser entregue aos sumos sacerdotes e aos escribas, que o condenarão à morte e O entregarão aos pagãos para O escarnecerem, açoitarem e crucificarem».

Isto, disse o Pontífice, «não é apenas uma sentença de morte



«Que esta Palavra do Senhor nos encoraje, que a nossa oração seja uma verdadeira oração», desejou o Papa. Convidando, em conclusão, a «falar com o Senhor da nossa realidade, dos nossos pecados, das nossas misérias: Ele sabe, Ele sabe o que somos». Nós sabemos-lo, mas a vaidade condensa-nos sempre a encobrir».



INFORMAÇÕES

Audiências

O Papa Francisco recebeu em audiências particulares:

No dia 9 de março

D. Carlos Castillo Mattasoglio, Arcebispo de Lima (Peru).

Suas Ex.^{cias} os Senhores Séverin Mathias Akeo; e Júlio César Caballero

Moreno, Embaixadores respectivamente da Costa do Marfim e do Estado Plurinacional da Bolívia, ambos em visita de despedida.

Os seguintes membros da Conferência Episcopal da França, em visita «ad limina Apostolorum»: D. Jean-Paul James, Arcebispo de Bordeaux com os Auxiliares D. Bertrand Lacombe e D. Jean-Marie Le Vert; D. Hubert Herbretau, Bispo de Agen; D. Nicolas Souchu, Bispo de Aire et Dax; D. Marc Aillet, Bispo de Bayonne; D. Philippe Mousset, Bispo de Périgueux; D. Pascal Wintzer, Arcebispo de Poitiers; D. Hervé Gosselin, Bispo de Angoulême; D. Georges Colomb, Bispo de La Rochelle; D. Pierre-Antoine Bozo, Bispo de Limoges; D. Francis Bestion, Bispo de Tulle; D. Pierre d'Ornellas, Arcebispo de Rennes, com o Auxiliar D. Alexandre Joly; D. Emmanuel Delmas, Bispo de Angers; D. Thierry Scherrer, Bispo de Laval; D. Yves Le Saux, Bispo de Le Mans;

D. François Jacolin, Bispo de Luçon; o Rev.^{do} Pe. François Renaud, Administrador Diocesano de Nantes; D. Laurent Dognin, Bispo de Quimper; D. Denis Moutel, Bispo de Saint-Brieuc; D. Dominique Lebrun, Arcebispo de Rouen; D. Jean-Claude Boulanger, Bispo de Bayeux-Lisieux; D. Laurent Le Boulc'h, Bispo de Coutances; D. Christian Nourrichard, Bispo de Évreux; D. Jean-Luc Brunin, Bispo de Le Havre; D. Jacques Habert, Bispo de Sées; D. Jean-Pierre Batut, Bispo de Blois; D. Jérôme Beau, Arcebispo de Bourges; D. Philippe Christory, Bispo de Chartres; e D. Jacques Blaquart, Bispo de Orléans.

No dia 12 de março

D. Giacomo Morandi, Secretário da Congregação para a Doutrina da Fé; o Senhor Cardeal Francesco Coccopalmerio, Presidente Emérito do Pontifício Conselho para os Textos Legislativos; Pe. Roberto D. Dotta, O.S.B., Abade da Abadia de São Paulo fora dos Muros; e os Senhores Cardeais: Stanisław Rylko, Arcipreste da Basílica Papal de Santa Maria Maior; e Giovanni Battista Re, Decano do Colégio Cardinalício.

Sua Ex.^{cia} o Senhor Yoshio Matsumura, Embaixador do Japão, em visita de despedida.

Renúncias

O Santo Padre aceitou a renúncia:

A 6 de março

Do Senhor Cardeal Philippe Barbarin, ao governo pastoral da Arquidiocese de Lião (França).

A 7 de março

De D. Benedetto Tuzia, ao governo pastoral da Diocese de Orvieto-Todi (Itália).

A 9 de março

De D. Singaroyan Sebastianappan, ao governo pastoral da Diocese de Salem (Índia).

A 11 de março

De D. Murilo Sebastião Ramos Krieger, S.C.I., ao governo pastoral da Arquidiocese de São Salvador da Bahia (Brasil).

A 12 de março

De D. Basile Mvé Engone, S.D.B., ao governo pastoral da Arquidiocese de Libreville (Gabão).

Nomeações

O Sumo Pontífice nomeou:

No dia 7 de março

Bispo de Orvieto-Todi (Itália), D. Gualtiero Sigismondi, atualmente Assistente Eclesiástico Geral da Ação Católica Italiana, até hoje Bispo de Foligno.

No dia 11 de março

Arcebispo Metropolitano da Arquidiocese de São Salvador da Bahia (Brasil), o Senhor Cardeal Sérgio da Rocha, até esta data Arcebispo Metropolitano de Brasília.

No dia 12 de março

Arcebispo de Libreville (Gabão), D. Jean Patrick Iba-Ba, até agora Bispo de Franceville.

Prelados falecidos

Adormeceram no Senhor:

A 6 de março

D. Peter David Gregory Smith, Arcebispo de Southwark, na Grã-Bretanha.

O ilustre Prelado nasceu em Londres (Grã-Bretanha), a 20 de outubro de 1943. Recebeu a Ordenação presbiteral no dia 15 de julho de 1972 e foi ordenado Bispo em 27 de maio de 1995.

A 9 de março

D. John Alexius Bathersby, Arcebispo Emérito de Brisbane (Austrália).

O saudoso Prelado nasceu no dia 26 de julho de 1936, em Stanthorpe, na Austrália. Foi ordenado sacerdote em 30 de junho de 1961 e recebeu a Ordenação episcopal a 20 de março de 1986.

A 11 de março

D. Sebastião Roque Rabelo Mendes, ex-Auxiliar da Arquidiocese de Belo Horizonte, no Brasil.

O venerando Prelado nasceu em Itapicirica, Diocese de Divinópolis (Brasil), no dia 9 de outubro de 1929. Recebeu a Ordenação sacerdotal em 8 de dezembro de 1954 e foi ordenado no dia 9 de novembro de 1985. Renunciou ao cargo pastoral no dia 15 de dezembro de 2004.

Início de Missão de Núncios Apostólicos

De D. Bruno Musarò, na Costa Rica (31 de janeiro).

Tema do próximo Sínodo dos bispos

«Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão»: este será o tema da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos que o Papa convocou para o mês de outubro de 2022, anunciou o cardeal Lorenzo Baldisseri, secretário-geral do Sínodo dos bispos.

Missa em Santa Marta

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 6

te: é mais». É humilhação, é fúria. E quando há obstinação na perseguição de um cristão, de uma pessoa, há o diabo». Afinal, explicou ele, «o diabo tem dois estilos: sedução, com as promessas do mundo, como queria fazer com Jesus no deserto, para o seduzir e, com a sedução, para o levar a mudar o plano da redenção e, se isso não funcionar, a obstinação». Sim, insistiu, o diabo «não tem meios-termos: a sua soberba é tão grande que ele tenta destruir, e destruir sentindo prazer com a destruição obstinada».

Neste sentido, o bispo de Roma convidou a pensar «na perseguição de tantos santos, de tantos cristãos: não só são assassinados, «mas também os fazem sofrer e procuram humilhá-los de todas as maneiras, até ao fim». Ainda mais, o Pontífice pediu para «não confundir uma simples perseguição social, política e religiosa com a fúria do diabo». O diabo obstina-se para destruir. Pensemos no Apocalipse: ele quer devorar aquele filho da mulher, que está prestes a nascer».

Para tornar a sua meditação ainda mais imediata, Francisco assinou que «os dois ladrões crucificados com Jesus foram condenados, crucificados e deixaram-nos morrer em paz. Ninguém os insultou: não importava». Ao contrário, «o insulto era apenas para Jesus, contra Jesus». E no excerto evangélico de hoje «Jesus diz aos apóstolos que será condenado à morte, escarnecido, açoitado, crucificado». Ele diz que «o escarnecem».

E «o caminho», na realidade um beco sem saída, «para se livrar da fúria do diabo, desta destruição – afirmou o Pontífice – é o espírito mundano, o que a mãe pede para os filhos, os filhos de Zebedeu». Ao contrário, «Jesus fala de humilhação, que é o seu destino, e então pedem-lhe aparência, poder».

«A vaidade, o espírito mundano é precisamente o caminho que o demónio oferece para se afastar da cruz de Cristo», esclareceu o Papa. «A própria realização, o carreirismo, o sucesso mundano: todos eles são caminhos não cristãos, são todos caminhos para cobrir a cruz de Jesus».

Na oração, Francisco desejou «que o Senhor nos conceda a graça de saber discernir quando há o espírito que nos quer destruir com obstinação e quando o mesmo espírito nos quer consolar com as aparências do mundo, com a vaidade». Advertindo que não nos esqueçamos de que «quando há obstinação, há ódio, a vingança do demónio derrotado». E «é assim ainda hoje, na Igreja» reconheceu: «Pensemos em tantos cristãos, cruelmente perseguidos. Nestes dias, os jornais falavam de Ásia Bibi: nove anos na prisão, sofrendo. É a obstinação do diabo».

O Pontífice concluiu a sua homilia convidando a rezar para que «o Senhor nos conceda a graça de discernir o caminho do Senhor, que é cruz, do caminho do mundo, que é vaidade, aparência, maquiagem». No final da Missa, Francisco rezou diante da imagem da Mãe de Deus, ao lado do altar da capela.

Prece mariana do Pontífice na Biblioteca do Palácio apostólico

Obrigado aos sacerdotes que permanecem próximos do povo

Um agradecimento aos sacerdotes que, “em tempos de pandemia”, com a sua “criatividade” procuram “estar próximos do povo” foi dirigido pelo Papa no Angelus de domingo, 15 de março, recitado na Biblioteca do Palácio apostólico do Vaticano e transmitido ao vivo.

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Neste momento está a concluir-se em Milão a Missa que o Senhor Arcebispo celebra na Policlínica para os doentes, os médicos, os enfermeiros e os voluntários. O Senhor Arcebispo está próximo do seu povo e também de Deus na oração. Vem-me à mente a fotografia da semana passada: ele sozinho no teto da Catedral a rezar a Nossa Senhora. Gostaria de agradecer também a todos os sacerdotes, pela sua criatividade. Chegam-me muitas notícias da Lombardia sobre esta criatividade. É verdade, a Lombardia foi muito atingida. Sacerdotes que pensam em muitas maneiras de estar próximos do povo, para que o povo não se sinta abandonado; sacerdotes com zelo apostólico, os quais entenderam bem que em tempos de pandemia não se deve ser como “dom Abbondio”. Muito obrigado, sacerdotes!

O trecho evangélico deste terceiro domingo da Quaresma apresenta o encontro de Jesus com uma Samaritana (cf. *Jô* 4, 5-42). Ele está a caminho com os seus discípulos e param perto de um poço na Samaria. Os samaritanos eram considerados hereges pelos judeus, e muito desprezados, como cidadãos de segunda categoria. Jesus está cansado, tem sede. Uma mulher vem buscar água e ele pede-lhe: «Dá-me de beber» (v. 7). Assim, rompendo todas as barreiras, começa um diálogo em que revela àquela mulher o mistério da água viva, isto é, do Espírito Santo, dom de Deus. Com efeito, à reação de surpresa da mulher, Jesus responde: «Se conhecesses o dom de Deus e quem é que te diz: “Dá-me de beber”, tu mesma pedir-lhe-ias e Ele dar-te-ia a água viva» (v. 10).

No centro deste diálogo está a água. Por um lado, a água como elemento essencial para viver, que sacia a sede do corpo e sustenta a vida. Por outro, a água como símbolo da graça divina, que dá a vida eterna. Na tradição bíblica, Deus é a fonte

da água viva – assim se diz nos Salmos, nos profetas – e afastar-se de Deus, fonte de água viva, e da sua Lei causa a pior seca. Tal é a experiência do povo de Israel no deserto. No longo caminho rumo à liberdade, abrasado pela sede, ele protesta contra Moisés e contra Deus, porque não há água. Então, pela vontade de Deus, Moisés faz brotar água de uma rocha, como sinal da providência de Deus que acompanha o seu povo e lhe dá vida (cf. *Êx* 17, 1-7).

E o Apóstolo Paulo interpreta aquela rocha como símbolo de Cristo. Assim dirá: «E a rocha é Cristo» (cf. *1 Cor* 10, 4). É a figura misteriosa da sua presença no meio do povo de Deus a caminho. Com efeito, Cristo é o Templo do qual, segundo a visão dos profetas, brota o Espírito Santo, ou seja, a água viva que purifica e dá vida. Quem tem sede de salvação pode haurir gratuitamente de Jesus, e n'Ele o Espírito Santo tornar-se-á uma nascente de vida plena e eterna. A promessa da água viva que Jesus fez à Samaritana tornou-se realidade na sua Páscoa: do seu lado trespassado saiu «sangue e água» (*Jô* 19, 34). Cristo, Cordeiro imolado e ressuscitado, é a fonte da qual brota o Espírito Santo, que perdoa os pecados e regenera para a vida nova.

Este dom é também a fonte do testemunho. Assim como a Samaritana, quem encontrar Jesus vivo sente a necessidade de o contar aos outros, para que todos cheguem a con-

fessar que Jesus «é verdadeiramente o Salvador do mundo» (*Jô* 4, 42), como disseram mais tarde os contemporâneos daquela mulher. Também nós, gerados para uma nova vida através do Batismo, somos chamados a dar testemunho da vida e da esperança que há em nós. Se a nossa busca e sede encontrarem plena satisfação em Cristo, manifestaremos que a salvação não está nas “coisas” deste mundo, as quais no final produzem a seca, mas n'Aquele que nos amou e nos ama sempre: Jesus, nosso Salvador, na água viva que Ele nos oferece.

Que Maria Santíssima nos ajude a cultivar o desejo de Cristo, fonte de água viva, o único que pode saciar a sede de vida e de amor que sentimos no nosso coração.

No final, Francisco proferiu as seguintes expressões e, em seguida, da janela do Palácio Apostólico concedeu a Bênção à cidade.

Prezados irmãos e irmãs!

Nestes dias a Praça de São Pedro está fechada, por isso dirijo a minha saudação diretamente a vós que estais sintonizados através dos meios de comunicação.

Nesta situação de pandemia, em que estamos a viver mais ou menos isolados, somos convidados a redescobrir e aprofundar o valor da comunidade, que une todos os membros da Igreja. Unidos a Cristo, nunca estamos sozinhos, mas formamos um só Corpo, do qual Ele é a Cabeça.

Oração do Papa Francisco à Virgem Maria

Que a alegria possa voltar depois deste momento de provação

Por ocasião da Missa celebrada sem a presença de fiéis pelo cardeal vigário Angelo De Donatis no santuário de Nossa Senhora do Divino Amor para o Dia de oração e jejum da Diocese de Roma, Francisco enviou uma mensagem em vídeo na qual dirigiu a sua oração à Virgem Maria com estas palavras.



Ó Maria, Tu sempre brilhas no nosso caminho como um sinal de salvação e esperança. Confiamos em ti, Saúde dos enfermos, que junto da cruz foste associada à dor de Jesus, mantendo firme a tua fé.

Tu, Salvação do povo romano, sabes do que precisamos e temos a certeza de que providenciarás para que, como em Caná da Galileia, voltem a alegria e a festa depois desta provação. Ajuda-nos, Mãe do Divino Amor, a conformar-nos com a vontade do Pai e a fazer o que Jesus nos disser, o qual assumiu sobre si o nosso sofrimento e carregou as nossas dores para nos guiar através da cruz, rumo à alegria da ressurreição. Amém!

No final, o Pontífice introduziu a antiga invocação mariana “Sub tuum praesidium”:

Sob a tua proteção procuramos amparo, Santa Mãe de Deus. Não desprezes as nossas súplicas, nós que estamos na provação, e livrai-nos de todos os perigos, ó Virgem gloriosa e bendita!



Trata-se de uma união alimentada pela oração, e também pela comunhão espiritual na Eucaristia, uma prática altamente recomendada quando não é possível receber o Sacramento. Digo isto a todos, especialmente às pessoas que vivem sozinhas.

Renovo a minha proximidade a todos os doentes e a quantos os assistem. Assim como aos numerosos agentes e voluntários que ajudam as pessoas que não podem sair de casa, e àqueles que atendem às necessidades dos mais pobres e dos desabrigados.

Muito obrigado por todo o esforço que cada um de vós faz para ajudar neste momento tão difícil. O Senhor vos abençoe, Nossa Senhora vos ampare; e, por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Feliz domingo e bom almoço. Obrigado!

Temporariamente só online as edições semanais

A impressão das edições semanais de L'Osservatore Romano em português, francês, inglês e espanhol é temporariamente suspensa devido à epidemia do coronavírus. As edições poderão ser lidas gratuitamente, nos seguintes sites: osservatoreromano.va e vaticannews.va.